

# A biografia de José Artur Bárcia

O apelido Bárcia é de origem galega e vem de Rosa Bárcia, bisavó paterna de José Bárcia. Rosa e Pedro Camanho eram os pais de José Maria Bárcia<sup>5</sup>, que nasceu em São Salvador de Sotto Mayor, na Galiza e, tal como muitos outros conterrâneos, rumou a Lisboa, ainda solteiro, em busca de trabalho e de melhores condições de vida.

Já em Lisboa, casou-se com Joana Maria Nobre na freguesia de São Julião, a 14 de janeiro de 1837.<sup>6</sup> Também o pai de Joana, João Onofre Pinto, tinha migrado para Loures, vindo de São Silvestre de Unhos, Viseu e, em Lisboa, casou com Ana Joaquina.

Em 1839, José Maria Bárcia e Joana Maria Nobre têm o seu primeiro filho: José Florêncio Bárcia. Em 1843, nasce o segundo, Júlio Malaquias Bárcia, pai de José Artur Bárcia. Alfredo Marcolino Bárcia, o terceiro filho, nasce em 1849 e, Amélia da Conceição Várgea, a última e única filha do casal, nasce em 1854. Durante este período a família foi mudando de residência: das Mercês vão para Santa Justa e daí para a freguesia do Socorro.<sup>7</sup>

Os três irmãos irão seguir a carreira militar, mas Amélia continua os estudos e será professora do ensino básico. Logo no início da sua vida, por um erro do pároco que a batizou, ficou registada com o apelido Várgea e não Bárcia. Esse facto deve tê-la incomodado tanto que, quando teve os seus próprios filhos, não lhes quis dar esse seu estranho apelido.

Em 1857, Lisboa é atacada por uma epidemia de febre amarela que matou cerca de 5 600 pessoas<sup>8</sup>, entre as quais Joana Maria Nobre, deixando José Maria viúvo e com 4 filhos ao seu cuidado. Os dois mais velhos, José com 18 e Júlio de 14 anos, ficaram a viver com o pai, mas Alfredo, de 8 anos, e Amélia, com apenas 3 anos de idade, são levados para asilos.

Uma portaria publicada em 1858<sup>9</sup>, determina que *todos os órfãos desamparados por efeitos da febre amarela* devem ser admitidos na Real Casa Pia, uma escola *para meninos e meninas orphãos e vagabundos, aonde se ensinam diversos officios*.<sup>10</sup> Entre as crianças da lista publicada no Diário do Governo, está Alfredo Marcolino Bárcia, morador na rua do Arco do Marquês de Alegrete n.º 14, 3.º andar. O nome de Amélia

não aparece nesta lista mas, anos mais tarde, quando se candidata ao curso de professora, surge como aluna do asilo da Ajuda.

Em 1872, então com 18 anos Amélia concorre pela primeira vez à escola normal do Calvário – era assim que se chamava a escola que formava os professores do ensino básico. Como, aos 18 anos as pessoas eram consideradas menores de idade, para se candidatar ao curso Amélia tinha de pagar uma taxa adicional de 3\$000 réis. Prefere, por isso, esperar até completar 20 anos e, a 26 de setembro de 1874, é admitida como *aluna pensionista na escola normal primária em Lisboa*.<sup>11</sup> E porque é que Amélia é importante nesta história? Porque foi uma das primeiras professoras a lecionar na aldeia de Quinta do Anjo e a mostrar a povoação ao seu sobrinho e fotógrafo, José Bárcia.

Quanto aos irmãos de Amélia, sabemos que José Florêncio tornou-se funileiro, soldado no Regimento de Infantaria n.º 7, tinha 1,69 m de altura, olhos gázeos (esverdeados ou verde azulado) e cabelo castanho.<sup>12</sup> Era casado e tinha filhos. Já o seu irmão, Alfredo Marcolino, pertencia ao Regimento de Infantaria n.º 6, onde era músico de 2.ª classe. Tinha olhos azuis, cabelo e barba loura.<sup>13</sup>

Sobre Júlio Malaquias Bárcia, pai de José Bárcia, sabemos que era correio de profissão no Arsenal do Exército<sup>14</sup> e que, segundo os registos paroquiais, casou com Ana Maria da Conceição Carvalho a 1 de setembro de 1872, na igreja de Santo Estevão em Lisboa. À data do casamento, o noivo tinha 28 anos e a noiva apenas 16.

Se o lado musical de José Bárcia poderá ter resultado da influência do seu tio paterno, do lado materno pode ter vindo a sensibilidade para as artes visuais. A sua mãe era filha de Maria Gertrudes e de Joaquim António de Carvalho, meio irmão de José Rodrigues de Carvalho, um pintor romântico muito apreciado pela corte e autor de vários quadros que decoram a Câmara Municipal de Lisboa.

José Artur Leitão Bárcia, filho mais velho de Júlio Malaquias e de Ana Maria, nasceu na Calçadinha do Tijolo n.º 49, a 11 de abril de 1873, na freguesia de Santo André e Santa Marinha. Um ano depois, a